



INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

MARIA JOHANA DA SILVA MAIA

**DE COLÔNIA A BAIRRO: UMA APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA AO ESTIGMA
DO BAIRRO ANTÔNIO JUSTA (MARACANAÚ-CE)**

ACARAPE-CE

2023

MARIA JOHANA DA SILVA MAIA

**DE COLÔNIA A BAIRRO: UMA APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA AO ESTIGMA
DO BAIRRO ANTÔNIO JUSTA (MARACANAÚ-CE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Humanidades. Orientador: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes.

ACARAPE-CE

2023

MARIA JOHANA DA SILVA MAIA

**DE COLÔNIA A BAIRRO: UMA APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA AO ESTIGMA
DO BAIRRO ANTÔNIO JUSTA (MARACANAÚ-CE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Humanidades. Orientador: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes.

Aprovada em ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Carla Susana Alem Abrantes - (Orientadora – UNILAB)

Professora Dra. Fernanda Aparecida Domingos Pinheiro (Examinador/a – UNILAB)

Professor Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida (Examinador/a – UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer as minhas duas mães: Célia Sousa do Nascimento e a Verusa da Silva Maia. São as duas mulheres mais importantes da minha vida, que contribuíram a todo o momento para que eu pudesse ter uma formação, incentivando a nunca desistir e persistir em meus objetivos.

As segundas pessoas são meus avôs: Jonas de Araújo Maia e Maria Alice da Silva Maia, foram os únicos avôs que conheci e puderam ajudar minhas mães nessa caminhada. Meu falecido avô não pôde estar comigo no resto da caminhada, pois faleceu em 2010, mas hoje (2023) minha querida avó analfabeta com seus setenta e poucos anos vê sua primeira neta mulher concluir o ensino superior.

A terceira pessoa é minha querida orientadora, Carla Susana Abrantes Além, que me acolheu com sua sabedoria em todas as vezes que me encontrava perdida e sem rumo para iniciar e finalizar a minha pesquisa.

E por fim, quero agradecer aos meus amigos, principalmente Celina Isabel André Arcanjo por ter me suportando em minhas noites longas e dolorosas quando me faltavam palavras para escrever, estavam para me fortalecer e nunca desistir da minha caminhada acadêmica.

RESUMO

O seguinte projeto pretende analisar o processo de estigmatização do Bairro Antônio Justa em Maracanaú-CE. Busca, através de uma pesquisa sobre as percepções dessa marca social de antigos e novos moradores do bairro Antônio Justa, bem como, de seus vizinhos, perceber o processo a partir de moradores quando estavam isolados no Hospital em função da doença. Visando à obtenção dos resultados, a pesquisa utiliza abordagem qualitativa, descrevendo e explicando os dados a serem colhidos através de levantamento com a expectativa de proporcionar informações para o contexto acadêmico e profissional de diversas áreas envolvidas com questões sociais. Para fundamentar teoricamente, buscaremos refletir a partir dos escritos de Cunha (2005), Dalmaz e Alexandre Netto (2004), Duarte (2004), Elias e Scotson (2000) e Goffman (1983). Os resultados preliminares alcançados mostram que o estigma é usado como uma forma de controle social.

Palavras-chaves: Educação. Estigma. Preconceito. Comunidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E ANTECEDENTES.....	07
2. OBJETIVOS.....	11
2.1 Objetivo Geral.....	11
2.2 Objetivos Específicos.....	11
3. PROBLEMÁTICA.....	12
4. JUSTIFICATIVA.....	12
5. ASPECTOS DA HISTÓRIA DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO JUSTA.....	13
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
6.1 Compreendendo o Conceito de “Estigma”	17
6.2 Memória.....	22
7. METODOLOGIA.....	30
7.1 Delimitação do universo e amostra.....	32
7.2 Técnicas.....	35
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

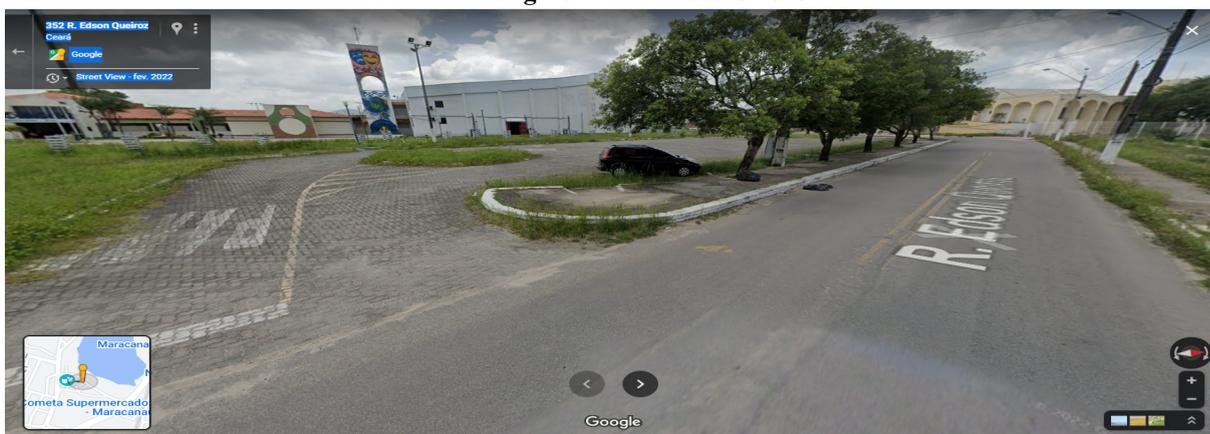
1. INTRODUÇÃO E ANTECEDENTES

Nasci e cresci em Maracanaú-CE, em um bairro pequeno cujo nome é Piratininga. O bairro tem uma boa localização, perto do North Shopping de Maracanaú-CE, estações de metrô distribuídas em vários bairros, ficando a 500m do Cemitério Municipal. Têm creches, escolas de Ensino Fundamental como o Rui Barbosa, Elian de Aguiar Mendes e José Maria Barros Pinho, havendo somente uma de Ensino Médio, o Liceu Professor Francisco Oscar Rodrigues (Liceu Estadual de Maracanaú). O bairro Piratininga fica a 1,9 km de distância do bairro Colônia Antônio Justa.

Hoje, tenho 23 anos de idade e lembro que por volta dos meus 13 anos, minha mãe começou a insistir para que fizesse aulas de violão e de prontidão aceitei. O único local conhecido e gratuito, era o Teatro Municipal de Maracanaú. Comecei a frequentar as aulas e depois minha mãe não pode mais ir me deixar e buscar. Precisei usar o transporte público e só existiam duas linhas que passavam por lá, a Topic 201 e o ônibus circular.

O Teatro Municipal fica por trás do bairro Antônio Justa que será a principal área abordada neste estudo. Os principais Fóruns, a Câmara Municipal e outros órgãos importantes estavam próximos ao Teatro. Percebia que a maioria das coisas ditas “importantes” estavam instaladas no bairro Antônio Justa, mas mesmo assim não entendia o pavor das pessoas quando minha mãe ou eu contávamos que eu ia sozinha para a minha aula de violão, pois as pessoas só sabiam afirmar que era perigoso, sem uma justificativa ou explicação.

Figura 1 – Parada de ônibus¹



Fonte: Google Maps, 08 de novembro de 2022.

¹ A frente do Teatro Dorian Sampaio representado pela localização do carro preto, era onde eu e meus colegas esperávamos o ônibus ou a Topic, contínua do mesmo jeito sem parada e um local com pouco tráfego.

Ao esperar o ônibus sempre ficava à espera de alguém ou acompanhada de colegas, pois o local não era movimentado. O medo era constante, pois comentavam que o local era propício para assaltos. Quando avistávamos motos, ficávamos assustados e guardávamos nossos pertences valiosos, até brincávamos: “só leva o violão se nos alcançar”.

Sempre ouvíamos dizer: “Não vá para lá! É a cidade de Deus”. Podia comparar o pequeno local com o filme *Cidade de Deus*², na qual Fernando Meirelles foi o diretor, contando a história de uma cidade violenta e periférica carioca. Então, os ciclos das minhas amizades, familiares e adjacentes sempre tiveram essa convicção de que esse local era/é perigoso.

E quando isso acontecia, criávamos estereótipos e estigma sobre o bairro Colônia As pessoas de Antônio Justa sem saber ao certo o que estava acontecendo. Estávamos apenas reproduzindo sem ao menos saber o que se passava. Assim, podemos comparar essa situação com o artigo de Sousa (2007), em que nós que estamos de fora estamos caracterizando o bairro como perigoso e quem fazia parte dele, também. No caso do artigo de Sousa (2007), referente à Ilha do Medo, caracterizava-se os não-nativos como perigosos. Comentando sobre essa questão, a autora esclarece em seus estudos, que é:

[...] interessante perceber que a narrativa dos nativos da Ilha do Medo em relação aos não-nativos é caracterizada pelo perigo trazido pelo desconhecido, “pessoas que não são daqui e que ninguém sabe de onde são”, ou seja, pessoas de lugar nenhum, o que os transforma facilmente em perigosos e parece colocar os moradores da Ilha em situação de risco. (SOUSA, 2007. p. 373).

Em 2018, comecei a trabalhar em um restaurante de comida japonesa que o seu foco era apenas entrega e retirada no balcão. O seu funcionamento era das 18h às 23h e a entrega era feita para toda a região de Maracanaú e em Maranguape. Nele havia um aviso para os clientes que não realizavam entrega dentro do bairro Antônio Justa. O estabelecimento recomendava aos seus clientes que realizassem retirada no próprio estabelecimento e/ou que se dirigissem a um ponto específico, no caso, próximo ao fórum. Foi assim que percebi que não se tratava apenas de um pensamento aleatório, outras pessoas também tinham essas mesmas convicções de que o bairro é perigoso.

² O primeiro filme brasileiro de ação indicado a receber quatro Oscar, *Cidade de Deus*, foi estreado em agosto de 2002 é uma adaptação do livro homônimo de Paul Lins (1997). Na qual, Bráulio Mantovani foi o roteirista e dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund. O filme foi uma transformação no cinema brasileiro, pois o sucesso teve aprovação internacional, desde a estética, roteiro, adaptação e fotografia.

Os autores Elias e Scotson (2000) em seus estudos mostram que o maior instrumento para o processo de marginalização e estigmatização de Winston foi a fofoca. E acredito que no bairro Colônia Antônio Justa não foi diferente desde a criação do Hospital Antônio Justa de Maracanaú em 1942 até os dias atuais.

Assim sendo, existem poucas pesquisas, quase nada, de um local tão rico e cheio de enigmas a ser descoberto. Dessa forma, desde pequena isso martelava na minha cabeça: por que essas pessoas estão sendo julgadas só por causa do seu bairro? Será que ainda se lembram de que era um “leprosário³”?

Os estudos realizados por Cunha (2005) vêm salientar que as imagens e representações sociais da lepra atravessaram os séculos e vem persistindo até os dias de hoje. No entanto durante o século XIX, mais precisamente no ano de 1874, foi confirmado pelo médico e botânico norueguês Gerhard Henrik Armauer Hansen que o *Mycobacterium Leprae* seria o bacilo causador da lepra. O estigma relacionado à doença, com o passar dos tempos, já estava fortemente consolidado no imaginário popular.

A certeza de que esse bacilo era o responsável pela doença, sua contagiosidade foi proclamada, deixando de lado, em grande parte do meio científico, as explicações da causalidade através da hereditariedade. Mas as pessoas que me cercavam não sabiam responder sobre esses questionamentos e/ou se abdicavam. Dessa forma, sabia que existia algo de errado, mas por estar em um ciclo que não estava ligado diretamente com o local, não tinha a resposta para a minha pergunta, e não podia respondê-la.

Ao entrar no ensino superior, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) em 2018, pude perceber sobre os paradigmas que me cercavam e os pressupostos que surgiam. Assim sendo, ao ingressar na UNILAB, no meio do ano de 2018, reunindo estudantes, professores brasileiros e internacionais, retomei a memória sobre o bairro Antônio Justa e como contribuir para que o conhecimento produzido no contexto da integração acadêmica fosse capaz de se transformar em políticas públicas de superação das desigualdades, pois esse é o foco da própria universidade.

Por isso, o tema proposto pretende analisar o processo de estigmatização do Bairro Antônio Justa em Maracanaú, através de uma pesquisa sobre as percepções desse estigma de antigos e novos moradores do bairro Antônio Justa, bem como, de seus vizinhos. Com isso, percebe-se o processo do mesmo a partir de moradores quando estavam isolados no Hospital em função da doença.

³ Hospital destinado ao tratamento de pessoas com hanseníase, mas antes era chamado de “lepra”.

Encontrar elementos que mostrem a continuidade de certos estereótipos, identidades negativas projetadas sobre o bairro e entender o que leva certos processos a se manterem no tempo, esse é o objetivo deste estudo. Pois antes de se tornar um bairro dito “marginalizado” as pessoas que vivem em Maracanaú, moradores e adjacentes, poucas lembram que o bairro Colônia Antônio Justa era referência em tratamento de Hanseníase. Pois com o passar dos anos e sem a oficialização da história, apenas moradores mais antigos conseguem manter essa memória ativa, diferente dos moradores mais novos e cidades vizinhas, que dificilmente sabem sobre o ocorrido no passado. Portanto é de extrema importância para a sociedade refletir os processos de exclusão de pessoas e o modo como são integradas a comunidades e locais sem nenhum amparo.

Observa-se que estereótipos são um fenômeno constante, mas quando se trata dos bairros marginalizados o problema é ainda maior, pois interfere de forma direta nos setores sociais. Por isso, é de suma importância possibilitar a identificação dos principais problemas e constatar o processo de estigmatização do Bairro Antônio Justa no município de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza-CE através de uma pesquisa sobre as percepções desse estigma de antigos e novos moradores do bairro, bem como de seus vizinhos.

Visando à obtenção dos resultados, a pesquisa será de abordagem qualitativa, já que o potencial dele é analisar a construção do estigma no bairro Antônio Justa de Maracanaú, deve-se descrever e explicar os dados que serão colhidos através de levantamento. Espera-se que os resultados proporcionarão um conjunto de informações para o corpo docente, acadêmico e profissionais da área. A utilização desse método e técnica se justifica por ser mais adequado para identificar as percepções sobre a área percebida como objeto de estigma.

A estrutura do projeto de pesquisa é composta a partir das seguintes seções: introdução, objetivos, problematização, hipóteses, justificativa, metodologia, considerações e referências bibliográficas. Para fundamentar teoricamente buscaremos refletir sobre estigma a partir dos escritos de Cunha (2005) com *Lepra no Brasil*, Dalmaz e Alexandre Netto (2004) trazendo a *Memória*, Duarte (2004) fundamentando pesquisas qualitativas, Elias e Scotson (2000) com a obra “os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” e Goffman (1983) com “A representação do eu na vida cotidiana”. Faremos um diálogo com alguns artigos escolhidos relacionados à temática para depois, por fim, apresentar alguns resultados preliminares.

O projeto de pesquisa apresenta o esboço de capítulos estruturados a partir dos subtítulos da fundamentação teórica, descritos a seguir: introdução onde exponho sobre minha antecedência, seguido da delimitação do problema a ser estudado. Em diante, revela-se o

objetivo geral e específico do projeto. Ademais, vemos a problemática e a justificativa do porquê da realização do projeto. Em seguida, apresento os aspectos da história do bairro Colônia Antônio Justa. Após essas apresentações, tem-se a revisão teórica, onde tratamos sobre a compreensão do conceito do estigma e questões sobre a memória. Por fim, a metodologia que será desenvolvida, identificando o local e seus participantes, as devidas considerações finais e as referências utilizadas.

2. OBJETIVOS

Ao lançar mão dos objetivos que compõem a pesquisa científica queremos falar da finalidade ou meta que pretendemos atingir. A pesquisa exige uma dedicação do investigador, por isso traçar os objetivos é fundamental tanto para responder às inquietações quanto na obtenção dos resultados, por isso formulamos os seguintes objetivos:

2.1 Objetivo Geral

- Analisar o processo de estigmatização do Bairro Antônio Justa em Maracanaú-CE por meio de uma pesquisa sobre as percepções desse estigma de antigos e novos moradores do bairro, bem como de seus vizinhos;

2.2 Objetivos Específicos

- Perceber o processo de estigmatização a partir da memória dos moradores que estiveram isolados no Hospital em função da doença;
- Perceber o processo de estigmatização a partir de moradores do atual Bairro Antônio Justa e de seus vizinhos;
- Encontrar elementos que mostrem a continuidade de certos estereótipos e identidades negativas estigmatizantes projetadas sobre o bairro;
- Entender o que leva certos processos a se manterem no tempo.

3. PROBLEMÁTICA

De acordo com Laville e Dionne (1999), a problemática é definida como sendo o quadro no qual se situa a percepção de um problema. Ou seja, a problemática nada mais é do que o contexto em que ocorrem as inquietações do pesquisador/a em relação à pesquisa, no qual são articuladas as evidências, observações e os dados sobre o tema a ser investigado. Dentro desta perspectiva, a temática do nosso trabalho se insere no processo de estigmatização do bairro Antônio Justa de Maracanaú, Ceará. Diante do que foi apresentado até aqui, alguns questionamentos ajudam na reflexão que pretendemos levar adiante nesta pesquisa: *como analisamos o estigma a partir do preconceito enraizado em uma comunidade?*

4. JUSTIFICATIVA

O motivo que me fez escolher essa temática interliga-se a minha trajetória, questionamento feito ainda na adolescência que floresceu no meu ingresso na universidade a partir de algumas disciplinas que realizei durante o semestre e que tinha correlações com o bairro Antônio Justa de Maracanaú. Depois dessa apresentação fiquei interessada na temática e a partir desse momento comecei a fazer as leituras mais profundas sobre o tema em questão.

A importância de refletir sobre o estigma para o bairro Colônia Antônio Justa de Maracanaú é essencial para que possamos analisar a construção, entender as consequências, possibilitar a identificação desses problemas para que se possa enviar para a prefeitura de Maracanaú e se possível realizar uma nova ressignificação. Com este trabalho pretendo fazer uma crítica sobre a questão da marca social e estereótipos criados como a característica do bairro.

Certamente, no campo acadêmico, este projeto de pesquisa servirá de incentivo para o debate sobre o estigma e a coletividade dos moradores deste bairro, pois há um baixo número de estudos sobre o assunto. Assim como também nos ajudará a pensar sobre esses mecanismos de estigmatização, a fim de com isso, produzirmos ferramentas que possamos lidar com essas realidades, haja vista que esse fenômeno de estereótipos e estigmas dos bairros é comum em nossa sociedade.

Também servirá de base para as pessoas que futuramente irão se interessar em fazer trabalhos relacionados a essa temática. Ademais, este projeto de pesquisa servirá de uma contribuição não só para o bairro Antônio Justa de Maracanaú, mas também para todos, uma

vez que a questão da discriminação e estigma é um problema que se encontra em todos os bairros independente do país.

Ainda, pretendo com este projeto, conscientizar a população local da importância do lugar onde estão inseridos, de como eles podem proteger, sabendo que cada um deles tem um papel fundamental no desenvolvimento do bairro, fazendo a sua parte de modo que não tem que ser só problema do Estado. Levando em consideração essa preocupação municipal sobre a questão da proteção, percebi que faz todo sentido fazer um trabalho voltada essa temática, uma vez que é um assunto que também suscita muita preocupação no seio da sociedade brasileira.

5. ASPECTOS DA HISTÓRIA DO BAIRRO COLÔNIA ANTÔNIO JUSTA

Para que eu possa adentrar no objetivo do projeto que é analisar o estigma do bairro Antônio Justa de Maracanaú-CE, é necessário fazer um esboço sobre o hospital Colônia Antônio Justa e depois sobre a história de Maracanaú, pois acredito que seja fundamental para essa análise, entender como foi construído o estigma deste bairro e por existirem poucas pesquisas nesta área.

O hospital localizado em Colônia Antônio Justa de Maracanaú foi inaugurado em 1942 com o objetivo de tratar os portadores de hanseníase⁴, no qual os indivíduos e os grupos perderam o contato físico e social com as outras sociedades, em que foram construídas pequenas cidades para tal fim. Diante disso, Araújo (2016) explica que,

É pertinente destacar que a hanseníase é uma doença de ordem natural, mas, por meio do estigma relegado à doença durante muitos anos, esta pode ser percebida no seu aspecto social, de modo que os portadores/as do bacilo passam a vivenciarem uma série de rupturas e de transições do modo de vida que, diretamente, interferem em sua memória e sua história. (ARAÚJO, 2016, p. 50).

A prática do isolamento compulsório era considerada a única forma de conter a proliferação da doença, espalhada por todo Brasil. Mantinha-se o mesmo modelo padrão para todas as colônias, dispendo de refeitório, escola, igreja, prisão e cemitério. Existindo uma separação por pavilhões, estrategicamente para o controle e vigilância dos doentes, dessa

⁴ A hanseníase é uma doença infecciosa, contagiosa, de evolução crônica, causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*.

forma tendo um isolamento por causa do contágio com outros indivíduos sadios. Segundo o Morhan (2010),

A Colônia Antônio Justa seguiu a mesma ordem padrão de divisão dos espaços, praticada nas demais colônias espalhadas pelo Brasil, obedecendo a um rigoroso critério de isolamento. Desta forma, a grande área ocupada pela colônia ficou dividida em três zonas: sadia, intermediária e doente (MORHAN, 2010, p.43).

A partir da década de 1970 e 1980, a cura deixa de ser uma utopia e começa a virar realidade. O Hospital Colônia Antônio Justa passa por diversas transformações, aderindo ao Decreto nº 968, de 07 de maio de 1962, e dessa forma abolindo o isolamento dos portadores de hanseníase e a tentando a reintegração dos mesmos na sociedade. Mas na prática havia alguns Estados que descumpriam a lei, em 1976, não existindo mais o isolamento.

A principal transformação ocorrida em Maracanaú foi a partir da década de 1990, a presença do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN⁵), foca em combater a hanseníase, estigma e a discriminação relacionado aos portadores da doença, funcionando até os dias de hoje. Carlos (2014) destaca que, o Movimento MORHAN,

[...] como movimento social, já mostrou sua força em várias ocasiões. Na época da promulgação da constituição, em várias discussões científicas sobre a reformulação das antigas colônias, no apoio ao surgimento da primeira campanha, nas definições de políticas e nas pressões em várias situações específicas (CARLOS, 2014, p.37).

Devido à construção estereotipada que marcou o local em relação à doença, “a derrubada dos portões”, foi uma rebelião organizada pelos próprios membros para que a sociedade associasse a hanseníase como uma doença normal e dessa forma eliminar o estigma do mesmo. Essa ação pôde ser considerada benéfica, mas também favoreceu uma ocupação desordenada e indevida de pessoas sadias no local. Sendo assim,

A década de 1990 foi na verdade o divisor de águas para a colônia Antônio Justa, o movimento social se fortalecia e o cenário político possibilitava a participação social. Um importante símbolo da mudança que estava por vir, foi a quebra simbólica dos portões da antiga colônia, os militantes do Morhan, Núcleo de Maracanaú, da época, se reuniram e derrubaram os portões que separavam os internos da comunidade dita “sadia” [...] (SILVA, 2016, p. 51 e 52).

⁵ O Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase – Morhan é um Movimento Social brasileiro fundado em 06 de junho de 1981.

FIGURA 4 – Muros que “protegem” a colônia



Fonte: ANDRADE, José Maria de. *Aspectos do Serviço da Lepra no Ceará*. Ceará Médico, JUL.AGO/1947.

FIGURA 5 – Entrada da Colônia por volta dos anos de 1950.



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FVG).

Carlos (2014, p. 09) afirma que “o preconceito aliado ao estigma que se criou, em torno da doença ainda existe no meio social. Percebi a necessidade de ajudar no combate deste preconceito. Apesar dos muros terem sido derrubados, as barreiras sociais continuam de pé”. Porém, a normalização de qualquer doença depende do contato dos infectados com os que não estão contaminados, porque quanto mais nos relacionamos com os doentes, encontram-se formas de convivência em que a exclusão não se faz necessária. A exclusão nem sempre é um motivo de proteção, podendo às vezes ter relação com muitas tentativas de suicídio. Assim,

Durante muito tempo, a sociedade rejeitou os moradores do Centro de Convivência ao saírem nas ruas. Ainda hoje são nas ruas apontados como filhos de leprosos. Muitos moradores preferem continuar onde estão, porque as ruas trazem lembranças de um passado preconceituoso. (CARLOS, 2014, p. 29).

Segundo o Morhan (2010), por fim, o decreto nº 23. 000-9, de 12 de janeiro de 1994, constitui que o hospital Dermatológico Sanitário Antônio Justa, passaria a funcionar como departamento de um hospital de reabilitação. Essa tentativa de ressocializar, reintegrar, trouxe consequência e aumento do estigma em Antônio Justa. Apesar do movimento reintegrar os doentes na sociedade, muitos pacientes preferiram permanecer no local, pois não tinham familiares ou tinham desafios em socializar.

É oportuno destacar que não encontrei muitas referências sobre a história de Maracanaú. Pelo que foi percebido, há duas hipóteses, mas não será trabalhado neste projeto sobre Maracanaú: 1) a gestão não investe em projetos para a história da formação, cultura e etc.; e/ou 2) a mesma considera Maracanaú jovem e não veem a princípio que isso seja importante. Mas diante das buscas realizadas, localizei que Maracanaú significa lagoa das maracanãs, uma terra indígena, que de acordo com Maracanaú-CE, teve seu primeiro contato com os colonizadores em 1648.

Entretanto, o crescimento populacional, ocorreu a partir de 1870 em torno da lagoa de Maracanaú, Jaçanaú e Pajuçara, havendo perda de controle das primeiras comunidades indígenas que se encontravam nesta região. Maracanaú é uma região metropolitana que tem apenas 39 anos, uma cidade jovem, mas de acordo com os dados do (IPECE, 2021) tem um grande potencial econômico:

No caso do arranjo populacional que tem como núcleo principal Fortaleza ressalta-se também a importância de Maracanaú, Caucaia, Eusébio e Aquiraz como municípios que agregam na atividade econômica, embora a capital seja o destaque com quase $\frac{3}{4}$ de toda a produção (IPECE, 2021, p. 11).

Ou seja, de acordo com os dados do IPECE (2021):

O segundo município com maior participação é Maracanaú. Em 2002, sua participação na renda estadual era de 5,82%, saltando para 6,63% em 2018 e 5,96% no ano de 2019. Destaca-se que o município apresentava uma participação de apenas 2,41% da população do Estado, chegando a 2,50% em 2019 (IPECE, 2021. p. 76).

De acordo com Silva (2021) a cidade de Maranguape, ao ter Maracanaú como distrito, é interessante pelas suas riquezas de granito, gnaisse e as lagoas de Jaçanaú, Maracanaú e Acaracuzinho. Sendo assim, em 1906, Maracanaú- CE torna-se distrito de Maranguape- CE. Nos termos da divisão territorial vigente Maracanaú foi desmembrado de Maranguape e figura entre os novos municípios que só puderam ser instalados em 1964. Em 06 de março 1981 após tentativas de emancipação, Maracanaú conseguiu a emancipação e teve Almir Freitas Dutra o primeiro prefeito de Maracanaú e logo após a sua posse, foi assassinado.

Segundo Silva (2021) a divisão administrativa vigente, Maranguape era constituído por sete Distritos, nomeadamente: Maranguape (sede municipal), Amanari, Itapebussu, Jubaia, Maracanaú, Sapupara e Tanques. Nos termos da divisão territorial vigente Maracanaú foi desmembrado de Maranguape e figura entre os novos municípios que só puderam ser instalados em 1964. Logo, a construção foi “necessária”, pois precisava de um novo terreno mais próximo da cidade de Fortaleza, pois o primeiro leprosário Antônio Diogo estava a mais de 80 km e sofreu inúmeros problemas estruturais e de acesso devido a isso.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com intuito de levar a cabo a pesquisa que ora apresentamos neste projeto, ao longo dos meses iremos realizar uma revisão bibliográfica a partir de textos científicos para verificar o ineditismo da pesquisa ou mesmo para adequar as informações encontradas relativas ao tema. A fundamentação teórica desenvolvida deixa evidente para o/a leitor/a de que, o que se busca é entender o processo ao longo do tempo.

Por isso, é preciso entender o conceito estigma nos autores, mas também como a memória se instala, penetra, é vivida, quais são os caminhos para serem mantidas certas percepções sobre moradores de um bairro. Porque o estigma se mantém e é uma história repetida. Apresento de início dois conceitos que estão sendo trabalhados, de modo, a compreender o processo, sendo: a questão do estigma e a manutenção de certas ideias ao longo do tempo, sendo necessário compreender o que está ligado à memória.

6.1 Compreendendo o Conceito de “Estigma”

Para o Goffman (1983), os gregos que são altamente habilidosos em recursos ilustrativos, cunharam o vocábulo estigma para se referir aos sinais físicos usados para mostrar algo extraordinário ou ruim sobre o estado moral da pessoa que os apresentava. Os

sinais foram feitos com cortes, pessoa marcada, ritualmente contaminada, a ser evitada socialmente, especialmente em locais públicos. Nesta ótica, se percebe que a palavra estigma provém do grego e, é usado para categorizar as pessoas. Segundo Monteiro e Villela (2013),

[...] o estigma é definido como um atributo negativo (depreciativo), que torna o sujeito diferente, diminuído ou possuidor de uma desvantagem. Assim, é estabelecida uma relação entre certos atributos e estereótipos que fomenta manifestações de discriminação entre os sujeitos ou grupos portadores das marcas tidas como indesejáveis (MONTEIRO; VILLELA, 2013, p. 14).

Com base na afirmação acima, torna-se notório que o estigma é entendido por muitas como algo negativo, ou seja, é responsável pelos estereótipos criados sobre certos indivíduos, como diz Goffman. Por outro lado, é também uma forma de diferenciar as categorias sociais na Grécia, pois os gregos como pioneiros na conceptualização da palavra “estigma” usavam para fazer as diferenças sociais, o que demonstra que o estigma ou as cicatrizes eram colocados nas pessoas, de modo, a compreensão da sociedade sobre essas pessoas.

Para Goffman (1983), estigma é um marco que pode ser enxergado no corpo de qualquer indivíduo na contemporaneidade. E em alguma ocasião é motivo de identificar a pessoa como uma abominação e em outras sociedades é visto como uma aculturação. Isto demonstra que há sociedades que utilizam as marcas no corpo para se diferenciar de outros grupos sociais. Também essas marcas podem ser motivo de desvalorização e a compreensão dessas pessoas como não sociais.

Com essa afirmação, avista-se que o estigma pode ser compreendido como uma marca corporal, que provoca a criação de estereótipos sobre o corpo de qualquer pessoa. Sob essa mesma linha de pensamento, o estigma é tratado dentro dos estudos de ambos os autores, como “marca social de descrédito e de inferioridade das pessoas que pertencem a alguma categoria de desvio, e cumpre a função de controle social para a manutenção da vida coletiva” (OMOTTE, 2004, p. 287).

O estigma em certas sociedades é o motivo mais que necessário para discriminar uma pessoa e/ou até mesmo uma comunidade inteira, sem ao menos conhecer o motivo do seu surgimento e as raízes, assim como as vivências daquele determinado grupo. De acordo com os estudos de Goffman (1983, p. 07), “um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo [...]”. Com base nessa afirmação do autor, pode ser visto com vários significados e reconhecimento por parte daqueles que conseguem não ignorar a relevância ou causa da cicatriz que as pessoas carregam no corpo.

Por outro lado, para Misse (2007, p. 20), “[...] “estigma” por Goffman se esquece de uma determinação que ultrapassa os participantes do jogo: a que decide o nível dos valores disputados como “normais” e negativamente afastados como “estigmatizados”. Isso torna necessário enfatizar que a criação do estigma se dá através da relação das pessoas, ou seja, toda a sociedade tem a sua própria estrutura, o que torna normal a criação das leis que identifica as pessoas como normais e não normais. Como por exemplo, o estigma para os gregos demonstra quem são os ladrões, traidores entre outros.

Com o passar do tempo, novas metáforas na compreensão do mesmo foram surgindo, sendo acrescentadas e, muitas das vezes, incorporadas, principalmente durante a era cristã na Europa. Desse modo, Goffman (1983) definiu em seus estudos científicos o estigma, assim como também nos trouxe diferentes formas de entendê-lo. Esses aspectos mencionados pelo autor são muito importantes para compreensão do conceito, sendo basilares suas apresentações para um aprofundamento a respeito do assunto discutido. Portanto, o autor destaca brevemente em seus escritos, o seguinte:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. (...) Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (GOFFMAN, 1983, p.07).

Com o embasamento nestes modelos do estigma desenvolvidos pelo autor, torna-se claro a variação da compreensão do conceito. Ou seja, cada corpo carrega o seu significado e com isso o estigma pode ser consideradas abominações. Isso também, nos facilita compreender as sequelas que uma pessoa tem devido a uma doença, no caso de hanseníase.

De outra parte, temos a referência de Elias e Scotson (2000) que nos auxiliam a compreender os processos de marginalização e estigmatização de um bairro na Inglaterra chamado Winston. Ali, a fofoca foi um instrumento de construção do estigma. Acredito que no bairro Colônia não foi diferente, pois desde a criação do Hospital Antônio Justa de Maracanaú para os portadores de Hanseníase em 1942 e com o isolamento por causa do contágio com outros indivíduos, as memórias foram fixando as marcas sociais.

Mesmo em 1976 não havendo mais o isolamento, os moradores daquela localidade ficaram conhecidos por “leprosos” e só quem ia fazer a visitação dos infectados eram pessoas próximas ou da família, pois os moradores adjacentes não queriam contatos por medo de

pegar a doença e ficarem deformados, mesmo havendo a cura. Dessa forma, a hanseníase deixou uma marca histórica no bairro Antônio Justa impossibilitando por muitos anos a reintegração do mesmo na sociedade como diz Silva:

Toda essa construção histórica colocou sobre os ombros das pessoas com hanseníase uma profunda marca, que até hoje é carregada de preconceito e estigma, o que impossibilitou por muitos anos a reintegração social dessas pessoas ao meio ao qual foram retiradas. Por outro lado, dentro das colônias foi criado um espaço social que os acolhia, embora com todos os percalços. (SILVA, 2016. P. 47).

Com a criação do hospital para os doentes, fica mais evidente a exclusão desses sujeitos da sociedade de forma a evidenciar mais ainda a segregação, sendo colocadas à margem da condição humana e tidas como culpadas da própria condição, acarretando em uma exclusão do convívio social. Assim nessa ótica, os estudos produzidos por Vieira (2009, p 151) dizem que:

Durante muitos séculos a lepra carregou o estigma e o conjunto de doenças já mencionado. Como se não bastasse isso, as pessoas que eram acometidas pela doença eram chamadas pejorativamente de seus derivados como, por exemplo, leproso, leprento, entre outros. Isso ocorria, sobretudo, por causa da aparência dessas pessoas que até então não tinham nenhuma forma de tratamento, e que em consequência disso, desenvolviam deformidades e úlceras. E por conta disso, eram excluídos do convívio social e segregados nos espaços construídos para o isolamento, em sua maioria em lugares distantes. (VIEIRA, 2009, p. 151).

Se formos separar os grupos e atribuir quem é o “estabelecido” e o “outsider”: os estabelecidos seriam os moradores de longa data e os outsider, recém-chegados, mas para a Colônia a forma de estigmatização foi dada de “fora para dentro” quem eram os recém-chegados em Maracanaú seja para trabalhar, apenas dormir ou morar foi utilizando do instrumento da fofoca para estigmatizar mais ainda aqueles moradores que se encontrava dentro de um bairro “doente” e dessa forma os moradores que se encontrava “de fora” do bairro poderia se denominar “establishment” e/ou “established” palavras em inglês que são utilizadas para designar grupos, indivíduos e/ou comunidades que ocupam posições de prestígio e poder (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 07).

Um dos principais questionamentos que tenho é conseguir entender os motivos e as consequências que moradores do bairro Colônia permanecem em um local estereotipado que marcou a relação da doença e que hoje criminalizado, mas “(...) depois de algum tempo, pareciam aceitar, com uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um

grupo de menor virtude e respeitabilidade, o que só se justificava, em termos de sua conduta efetiva, no caso de uma pequena minoria” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20).

Desse modo, quando um local que sofre diversas repressões, quem nele mora tende a canalizar e dessa forma acaba se tornando, como diz o autor, um *outsider* que em inglês significa os menos privilegiados, os não membros da “boa sociedade”, que estão fora dela. “Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS; SCOTSON, 2000. P. 22).

Dessa forma, podemos perceber como isso afeta de forma direta e/ou indireta a construção identitária de um determinado grupo, moldando numa autoimagem e se tornando um grupo excluído por estar em uma posição de poder menos privilegiada. Como diz Jamile Santinello (2011) às relações de poder irão legitimar algumas identidades, a partir das instituições dominantes e outras identidades serão tratadas como anomalias pela dominante, na qual, se encontram em desvantagens e oprimidas.

Procuramos descobrir as razões por que alguns grupos de Winston Parva tinham mais poder do que outros e o que descobrimos contribuiu um pouco para explicar essas diferenças. Acredito que essa era uma das principais queixas de tentar entender o porquê o bairro Colônia no município de Maracanaú se encontrava em uma posição menos privilegiada. Quando você está inserido em um local com esse estigma a sociedade tem uma essa distorção de ser "boa" ou "ruim", sendo assim, deposita-se a um grupo uma “reputação ruim” sendo provável que ele corresponda a essa expectativa.

A construção da identidade está ligada à realidade do indivíduo, conforme o seu envolvimento preestabelecido. Desde a criação do bairro Antônio Justa em 1942 até os dias de hoje 2023 já se passaram três gerações (da minha avó, minha mãe e, por fim, a minha) e o estigma não desapareceu, mas como diz Elias e Scotson (2000) o estigma não desaparece.

Percebe-se que o estigma se reinventou e dessa forma a exclusão hoje em dia se dá por dizerem que é um bairro criminalizado. De acordo com Elias e Scotson (2000, p 08) “Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigualdade interdependência”, ou seja, dessa forma não conseguia enxergar que o meu bairro estava interligado com o bairro Antônio Justa, pois se não fosse pela estigmatização seria pela exclusão. Já que moramos em bairros adjacentes utilizamos um instrumento bastante eficaz que, hoje se perpetua e contribui para o fortalecimento do estereótipo, discriminação e preconceito, através da comunicação oral, ou melhor, fofoca.

Para que possamos reconstituir uma nova imagem para o bairro Colônia localizada no município de Maracanaú-CE, teríamos que entender suas necessidades e fronteiras traçando uma reta entre os bairros para que não exista essa distinção, pois “uma vez evidenciando o problema da distribuição das chances de poder que está no cerne das tensões e conflitos entre os estabelecidos e outsiders torna-se mais fácil de descobrir e resolver um problema que passava despercebido” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 37).

Como nos ensina Malinowski (1978), o antropólogo deve estar sempre atento, pois as informações importantes nos são fornecidas nos momentos mais inesperados ou inoportunos e, sendo assim, a proposta oferecida pela Antropologia não é trazer uma análise e reflexões sobre as grandes cidades e a economia, mas, as suas peculiaridades que a mesma nos traz em suas em suas fragmentações, seus arranjos e variadas diferenças, situadas na vida cotidiana. Assim, “as contradições internas de um grupo são inúmeras e devem ser consideradas em sua complexidade” (SOUSA, 2007 p.79).

6.2 Memória

A memória é uma das partes do desenvolvimento do cérebro humano muito importante para o crescimento intelectual e a contribuição individual na sociedade. Ela é fonte que facilita qualquer indivíduo a reconhecer os valores pessoais, culturais ou coletivos. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas”. (LE GOFF, 1990, p. 423). Tudo isso, faz da memória ainda mais significativa na vida de qualquer indivíduo.

Para Gontijo (2011), a memória é um espaço psíquico onde as pessoas armazenam as imagens recebidas, informações, ideias, juízos. Nesta mesma ordem da ideia, a memória além ser um espaço de armazenamento das informações, é a conexão das ações extras com a alma. Já para Dalmaç e Netto (2004), por sua vez, destacam que “a memória é uma das funções cognitivas mais complexas que a natureza produziu, e as evidências científicas sugerem que o aprendizado de novas informações e o seu armazenamento causam alterações estruturais no sistema nervoso” (DALMAZ; NETTO, 2004, p. 30).

Com essa informação, percebe-se que a produção da memória faz parte do cotidiano do ser humano, ou seja, a memória faz parte da natureza de cada pessoa. A construção da memória além de ser uma ação natural das pessoas, também é uma das ações que cria a curiosidade das pessoas. Com o mesmo enfoque, os autores, enfatizam que:

A memória desperta o interesse e a imaginação do homem desde a antiguidade, contudo os primeiros estudos científicos foram realizados há pouco mais de um século. Hoje, graças aos avanços das ciências biomédicas, adquirimos uma razoável compreensão acerca dos mecanismos da formação da memória. Apoiados no fato de que animais inferiores têm encéfalos mais simples do que aqueles dos mamíferos superiores (espécie humana), e que seu comportamento e capacidade de aprender e lembrar são mais acessíveis às técnicas de laboratório, os estudos em invertebrados têm um papel fundamental para o conhecimento da memória. (DALMAZ; NETTO, 2004, p. 30).

Tudo isso, demonstra de maneira concisa o interesse que o homem tem em saber mais sobre a memória como sendo uma das atividades naturais das pessoas e não só. Esse interesse em conhecer mais sobre a memória não é diferente com o interesse desse trabalho em explicar ou conceituar a memória para melhor, facilitar na compreensão de traumas que as vítimas de hanseníase enfrentam. Falando da memória neste projeto, torna-se necessário falar dela além da sua criação individual. Mas, também da sua construção coletiva.

Se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente porque retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem. A história divide a seqüência dos séculos em períodos [...] (HALBWACHS, 2006, p. 81).

Essa informação traz a relevância individual e coletiva na concepção e construção da memória, principalmente da memória coletiva. O que torna ainda mais importante a participação de cada sujeito na percepção da memória. A memória coletiva para mais é constituída de grande relevância na construção social de territórios, a memória coletiva é suporte cultural nas sociedades onde a oralidade é mais considerada em relação à escrita. Nesta ótica, Gondar (2008, p. 02) afirma que:

Nas sociedades sem escrita, a memória coletiva surge como um cantar mítico da tradição, obedecendo geralmente a três grandes interesses: o primeiro seria a idade coletiva do grupo, que se funde nos mitos de origem (teríamos na Índia as idades do ouro, prata, bronze e ferro, às quais os gregos acrescentariam mais uma, intercalando-a entre o bronze e o ferro: a idade dos heróis); um outro interesse seria relacionado às genealogias, expressando o prestígio dos grupos

dominantes; e ainda um último estaria ligado ao saber técnico, transmitido por fórmulas práticas mescladas à magia religiosa (GONDAR, 2008, p. 02).

Com base nessa afirmação, nota-se que a permanência da memória coletiva depende dos grupos que criam essa memória e a sua necessidade em mantê-la viva. De acordo com Halbwachs (2006), a nossa memória é moldada tanto pelo ambiente ao nosso redor quanto pelo grupo social ao qual pertencemos. Em vez de serem exclusivamente individuais, nossas lembranças são, acima de tudo, compartilhadas com a comunidade a que pertencemos.

Como bem afirma Halbwachs (2006), os momentos que lembramos do passado variam de acordo com os grupos aos quais pertencemos, dependendo de quanto nos envolvemos em pensamentos coletivos específicos, ou seja, é intrinsecamente conectada ao meio social e aos grupos sociais aos quais pertencemos, destacando a natureza coletiva e social da memória, podendo reconstruir as lembranças que nos são trazidas sobre uma base compartilhada, a memória é viva, é presente.

Percebi que quando fomos iniciar as nossas conversas, a dona Isa ficou bastante receosa, um pouco envergonhada, pois tinha filhos e netos ao seu lado, então estava sempre justificando sua ausência, dizendo “eu vou já sentar aí”, “estou fazendo isso”, “estou fazendo aquilo”, levando em consideração que seria sua primeira entrevista, no qual a mesma ressalta. Mas quando eles saíram, ficamos nós três, na qual se sentiu mais tranquila para falar das suas lembranças de quando teve que ir se internar.

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.05).

Vieira (2009, p.84) diz que nossa busca por essa memória está marcada através do resgate histórico empreendido através dos grupos focais e das entrevistas com as lideranças como forma de tentar captar essas novas formas de relações sociais através da “história oral”. E com isso reviver essas memórias com Dona Silva e Vanir em um momento delicado e conturbado é realmente “assustador”, uma dessas passagens é sua descoberta da doença.

Quando fui me internar, eu morava na Aerolândia, vieram me buscar por volta das 4 da manhã... começou a aparecer umas manchas vermelhas no meu corpo, me levaram ao hospital que ficava na Av. Imperador, e lá deu que eu estava com essa doença. Eu tinha uns 20 poucos anos quando me internei, não sei como peguei, tenho sete

irmãos e nenhum teve, nem meus filhos (Ex-paciente da Colônia, dona Silva, 2022). Quando eu era criança morava em um interiorzinho (Russas) minha mãe tinha a doença, mas eu me internei aqui e ela ficou. Eu vim pra cá, tinha uns 10 anos, nunca mais vi minha mãe e nem meu pai e conheci o meu marido aqui. (VANIR, 2022).

Dessa forma, a humanidade fez uma divisão e Vieira (2009) em seus escritos diz que são os chamados “incluídos” e “excluídos”, na tentativa de reduzir a violência, de erradicar o analfabetismo, e de se extinguir todas as formas de preconceito desde a social, racial, religiosa, cultural, sexual etc., adotando a conformidade da Declaração de Direitos Humanos (1948). Mas a amargura vivida e lembranças retomadas pelas entrevistadas mostram a condenação de uma série de pessoas a viverem sem expectativas, em um pretexto para proteger os sadios e isolar os doentes.

[...] um breve resgate das profundas marcas que precederam a luta das pessoas atingidas pela hanseníase. Estamos falando do renitente peso do estigma e do preconceito, que condenou uma série de pessoas a viver sem sentido, e a sentir sem viver, as duras e profundas chagas da ignorância. (VIEIRA, 2009, p. 151).

Em cima de um embasamento que haveria uma melhora na qualidade de vida, mas esse isolamento compulsório da hanseníase carregou o estigma e palavras pejorativas como “leproso”, “lazarento” devido às consequências do tratamento, fazendo com que doentes perdessem pedacinhos de seu corpo até ficarem irreconhecíveis.

E por causa disso eram excluídos e segregados do convívio e espaço social. Dona Silva destaca que:

Quando eu descobri foi mesmo que me dar uma facada no meu coração, eu tava noiva pra casar e grávida. Eu nem cheguei a terminar com ele, nem queria que ele descobrisse, ele sabia que eu ia me internar, mas não sabia o que era. Eu falei pra minha tia: tia amanhã eu vou me internar, eu quero sair daqui às 4 horas da manhã... o carro veio me buscar às 4h e aí ele nunca mais me viu, só soube por cima que ia me casar com outro homem, que o bebe que eu esperava dele já tava grandinho, tinha ficado com minha tia e às vezes ele visitava. No primeiro dia me levaram para a prefeitura para dar entrada nos papéis e me lembro como se fosse agora, quando eu cheguei na porta lá vem um homem arrastando a bunda no chão, eu chorei, chorei tanto, gritava que naquela casa eu não ficava... me disseram que eu tinha que ficar lá eu disse que ia embora não tinha como eu está na casa daquele mesmo homem, eu vou fugir daqui... mas me mudaram de casa e fiquei no pavilhão com a dona Rosa eles eram tão limpinhos que nem pareciam que era doentes, não tinha nenhuma sequelas (SILVA, 2022).

A Colônia, apesar de todos os percalços, era um espaço social que acolhia esses sujeitos sociais, a retirada do meio social, fez com que eles se acolhessem, uma identidade social que foi construída e disseminada, marcando um território cheio de estigma e preconceito e dessa forma sendo capaz de modificar a construção social e identitária de um povo, reintegrando socialmente entre eles:

(...) e contraditoriamente, talvez como forma de recompensar, essa mesma sociedade era cercada de aparatos mantidos pelo próprio Estado, com espaços de produção de interação humana como cine teatro, salão de jogos, fomento de festas, igreja e eventos religiosos, espaços políticos como a prefeitura dentre outros, que possibilitaram a criação de uma sociedade à parte. Vale ressaltar, que essas iniciativas pouco tiveram a ver com espírito humanitário ou políticas sociais, mas objetivavam mesmo a exclusão eficiente, de modo que aquela sociedade fosse socialmente autossuficiente a ponto de independe da sociedade maior que a criou (SILVA, 2016, p. 48).

Em uma das conversas que tive em meu trabalho sobre o bairro Antônio Justa foi a que alguns deles estavam presentes em festivais que aconteciam dentro da Colônia, mas não era algo que tinha sido permitido, mas por conhecerem alguns funcionários, permitiam a entrada deles no local e dessa forma Rejane e Verônica relataram que:

Eu frequentava a colônia desde o tempo que a colônia tinha os doentes, ainda existia os pavilhões, cheguei ir nos refeitórios, comia ali, nenhum preconceito, os pavilhões eram bem cuidados, bem limpos, não tinha a violência que hoje tem, antigamente para entrar na colônia tinha dois portões, existia guarda e eu precisava me identificar para poder entrar, existiam regras, o hospital da colônia era referência, o atendimento se dava pelo os melhores médicos, me lembro que quando eu comecei a te panos brancos, fiz uma consulta lá e fui muito bem tratada, era tudo muito limpo e hoje não existe mais isso (REJANE, 2022).

Eu recebia vários presentes por está ali com eles, eu também vendia as coisa pra eles, claro era escondido, o vigia deixava eu entrar, eles compravam presente às vezes para os familiares, mas esses nem apareciam para vender, eles chamavam a gente para ta perto deles, eles ofereciam suquinhos, A primeira vez que fui lá foi uma festa do dia das crianças, o pessoal da rua que foram pra lá me levaram, gostei de ganhar as coisas então fui indo com pessoas que tinha familiares e fui pegando amizades e depois comecei a ir sozinha, visitava cada um deles e fui me tornando amiga. Teve uma vez que estava com uma coceira no meu corpo, como eu vivia lá, me levou às pressas para o hospital, mas era só alergia mesmo (VERÔNICA, 2022).

Em outro momento, dona Silva e dona Vanir que vivenciaram o isolamento também relataram que não queriam estar ali dentro, queriam mesmo era fazer parte da sociedade, estar junto de sua família de modo que olhassem para elas e não as vinculassem com a doença. Mas

era um paradoxo, pois a todo o momento romantizam a fartura e a boniteza do local. Ou seja, no relato de dona Silva e dona Vanir diz que:

Quando eu cheguei fiquei no primeiro pavilhão, fiquei em um pavilhão de solteiros, lá tinha tudo... as colônias em si têm os mesmo padrões, desde a do Antônio Diogo, Antônio Justa e já fui em 2010 na Colônia Antônio Aleixo em Manaus, lá é muito lindo, todo restaurado. (SILVA, 2022).

Aqui era muito bonito, tinha festas, fartura, tinha tudo, mas era ainda melhor quando era só nós. Depois da derrubada dos portões ficou do jeito que tá hoje, sem nada, sem ninguém olhando pra nós. A maioria das casas de hoje são invasão, poucas pessoas têm o terreno, eu tenho a minha mas a maioria não tem não (VANIR, 2022).

Confesso que ao escutar seus relatos, suas memórias doíam, tentava a todo o momento não transparecer que eu estava muito abalada pelas suas vivências. Pois quando vamos a campo precisamos de tempo, precisamos estar livres, pois quando não dispomos de tempo não conseguimos ganhar a confiança e isso requer um pouco de paciência, pois é difícil falar sobre suas memórias e principalmente dolorosas. Eles contam realmente o que queremos ouvir, mas são nos detalhes, nos gestos, nos olhares que conseguimos entender o que realmente aquilo causou e Pollak (1992) diz que uma pessoa a quem nunca ninguém perguntou quem ela é, de repente ser solicitada a relatar como foi a sua vida, tem muita dificuldade para entender esse súbito interesse. Já é difícil fazê-la falar, quanto mais falar de si.

Em outro relato com a Rejane, uma sadia que participou e teve alguns contatos com os doentes diz que: “eu tinha uns 20 e poucos anos, nasci em 1970 e então em 1995/96 não lembro bem, o isolamento continuava, não podia entrar, tinha os portões e vigia, os portões só vieram a ser derrubados nos anos 2000 e lá pra 2005 os terrenos foram dados”. Fazendo uma breve comparação desta fala com o texto de Silva (2016) diz que por volta da década de 1990 foi um divisor de águas, pois o movimento social se fortalecia:

Do ponto de vista dos integrantes do movimento, era um passo para a reintegração social, o muro era um símbolo forte na história da segregação e por isso deveria ser destruído para que as pessoas que ali moravam aos poucos pudessem se libertar do estigma que aquele espaço trazia. Do ponto de vista da história, perde-se um monumento construído na década de 40 que resgatava uma história que não pode ser esquecida, ela é parte da construção social daquela comunidade e poderia ser resguardada e valorizada para que os futuros moradores compreendessem a construção daquele espaço e da identidade daquela comunidade (SILVA, 2016, p 52).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio da citação, em uma das minhas conversas com dona Vanir, Silva e com os outros colaboradores, há uma contradição, pois uma hora agradece pela “derrubada dos portões” e em outra fala sobre essa nova identidade que a Colônia se tornou depois de derrubada. Portanto, Dona Silva, Dona Vanir e Ana relatam que:

Quem fez isso pra Colônia ficar assim foi o Finado Antério, ele disse que ia desativar a colônia e desativou mesmo. Hoje só tem vagabundo, vagabundo e tá do jeito que tá. Quem mora hoje na Colônia não são os filhos de doentes não, invadiram o local, se apossaram, os filhos dos pacientes nem foram criados lá, meu filho mesmo foi criado no Educandário, assim que nasceram foram pra lá, pra quem vai para o Maranguape... se for mapear, poucos doentes moram lá, tudo é sadio, invadiram, invadiram, de fortaleza toda tem alguém que more lá, se apossaram (SILVA, 2022).

O Portão abria de dia e de noite fechava, mas depois nunca mais fechou. Tudo muda, né? Depois da derrubada dos portões ficou do jeito que tá hoje, sem nada, sem ninguém olhando pra nós daqui, nesse CRAS antes de ser o CRAS tinha gente morando aí, aí a prefeitura fez a reconstrução e tiraram eles daí. A maioria das casas é invadida, poucas pessoas tem o terreno, eu tenho a minha, mas a maioria num tem não (VANIR, 2022).

Hoje a colônia está perdida, lá não tem mais nada só se encontra poucos doentes, a colônia só era boa quando tinha os doentes e quando era fechada, pois a maioria já morreram e hoje quem mora lá são pessoas novas que invadiram ou conseguiram um terreno, hoje sinto medo, para entrar a noite precisa se identificar, eu só ia lá quando tinha família, hoje não tenho mais ninguém lá, só medo pelo que as pessoas falam de ser um local perigoso. (ANA, 2022).

O intuito não é julgar se foi bom, se foi ruim, é apenas trazer o que foi relatado, trazer essa vivência. São memórias que foram palco dessa construção, dessa modificação e dessa nova identidade. Identidade que se transformou, ressurgiu uma nova por volta dos anos 2000, sendo que seus primeiros moradores em Antônio Justa se deram através da política compulsória do isolamento e esses novos moradores surgem por ocupação de terra:

Depois, vieram outros moradores que não tiveram relação alguma com os primeiros e com a história do isolamento. Esse processo foi apoiado e incentivado pelo Morhan e pela Associação de Agricultores da Colônia Antônio Justa, organizações comunitárias que tinham forte atuação na época. Vale lembrar que as terras do Bairro Antônio Justa não são legalizadas e até hoje, o território pertence à União, cedido ao Estado que por sua vez cedeu ao Município, portanto, mesmo os moradores que estão na terra há 30 anos, não possuem a titularidade de suas terras (SILVA, 2016, p. 20).

Hoje, considerado um bairro violento e pauperizado, o que de certa forma gera outro tipo de segregação, a segregação social (SILVA, 2016, p 25), um bairro periférico e sem

estrutura básica, ocorreu por meios de ocupações, ocupações ilegais de famílias que não tiveram ligação com a doença em si. Em um dos relatos de Rejane, conta que chegou a ganhar um terreno:

Na época que eu falei com o Silas, ele estava dando terreno lá, eu perguntei por que estava dando os terrenos, ele disse que estavam dando os terrenos para tentar socializar com os doentes, então acharam que se as pessoas fossem para lá ia tentar ser um bairro sem estigma, mas esses terrenos dados, foram passando de mão em mão e se for pensar em quem hoje mora lá a maioria nem são de pessoas que tem família com doentes, são pessoas que vieram de outros locais (REJANE, 2022).

Essa transição de identidade ocorre e torna-se um problema, pois pode ser tão discriminatória e estigmatizantes quanto à da hanseníase, uma reintegração mal executada que continua a isolar uma nova comunidade pela falta de políticas públicas do Estado.

Uma matéria publicada pelo Diário do Nordeste no dia 30 de março de 2005 relata o abandono de um bairro chamado de Colônia Antônio Justa do município de Maracanaú com a falta de infraestrutura, saneamento, a falta do básico para se viver com dignidade e um dos motivos disso é:

O preconceito e a falta de oportunidade de emprego tornaram a colônia uma verdadeira favela, onde o espírito coletivo e solidário predomina entre os vizinhos. Essas famílias vivem em um espaço de difícil acesso, em pequenas casas com dois ou três compartimentos. Quem consegue um trabalho recupera a estrutura das casas, mas como a maioria não tem condições, elas estão bastante danificadas. (REDAÇÃO, 2005, p.01)

Com o tempo o preconceito mudou de foco, de acordo com os entrevistados o maior preconceito que sofrem atualmente não diz respeito à história da hanseníase, mas à imagem de violência que o bairro conquistou durante a última década: “Aqui não é nada do que o povo fala lá fora (risos), mas tipo ninguém entrega pizza. Eles dizem: não, aí depois da ponte a gente não entrega não. Então de certa forma, se a gente for analisar, a gente ainda é isolado né (risos) ainda vive um certo isolamento. Porque se o pessoal não vem pra cá é porque a gente ainda é excluído, só que por outros motivos, questão de segurança né?”. (SILVA, 2016, p.81).

Sendo importante compreender o transtorno que vem sendo causado ao longo da construção da Colônia e que hoje é bairro, implicações que afetam de forma direta e indireta a vida de cada um. Antes por causa da Hanseníase e seu isolamento compulsório e hoje por causa das ocupações irregulares presente no mesmo e como diz Rejane: “As pessoas deixam de ter trabalhos dignos por causa do horário dos transportes públicos, pois o horário é limitado e não consegue abranger a todos os turnos e dessa forma transportes privados a noite

como UBER e 99 POP motoristas não querem ir à noite por causa do estigma de ser perigoso. Se sentem com medo de uma invasão de perder o local e serem despachados, é um povo que vive com medo, medo da desapropriação do local, já que a maioria das casas e terrenos é posse, invadido”.

Em vista disso, percebemos que a segregação, estigma e discriminação ainda são recorrentes no bairro, a identidade mudou, mas continua a causar transtorno. A memória consegue trabalhar isso, ela não trabalha com certo ou errado. Como sugere Pollak (1992), a memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização, como nos traz em seus estudos,

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas [...] (POLLAK, 1992, p. 04).

Permite entender melhor a construção desse estigma, a vivência de cada um indo para o local, a saída com a derrubada dos portões, a volta que alguns tiveram ou que não tiveram a possibilidade de ter saído, essa reconstrução só é possível pela história oral, à memória que ficou gravada por tanto tempo e hoje se dispuseram a contar, pois a memória é viva é presente.

7. METODOLOGIA

Para obter os dados da pesquisa, é importante entender o que é a pesquisa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), entendem que a pesquisa é buscar alguma informação que se dá através de algumas inquietações, cujo interesse é entender um determinado assunto; tendo em vista, o objetivo claro e preciso, de forma que o pesquisador possa desenvolver a pesquisa e assim atingir o objetivo do mesmo.

Para a elaboração desse projeto o levantamento de referências bibliográficas sobre a construção do estigma do bairro Antônio Justa em Maracanaú, foi complicado. Pois encontrei poucas pesquisas que falassem sobre o bairro ou sobre o período de isolamento que ocorreu no mesmo, desse modo, a pesquisa bibliográfica é caracterizada por Andrade (2010) em seus estudos científicos como,

[...] habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões [...] (ANDRADE, 2010, p. 25).

O pesquisador deve fazer uma forte revisão teórica envolvendo o seu objeto de estudo, analisar e comparar as informações. Os estudos de Creswell (2014) dizem que a pesquisa qualitativa, começa com pressuposto e o uso de estruturas interpretativo-teóricas que informa o estudo dos problemas da pesquisa, abordando o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano.

Este trabalho tem o caráter do método qualitativo, já que o potencial dele é analisar a construção do estigma no bairro Antônio Justa de Maracanaú, deve-se descrever e explicar os dados que serão colhidos através de levantamento que proporcionará um conjunto de informações para o corpo docente, acadêmico e profissionais da área. Portanto, a pesquisa qualifica-se como observação participante, tem como foco observar, registrar e analisar, informando ao máximo do determinado assunto. Sendo assim Tuzzo e Braga (2016) nos diz,

[...] a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (TUZZO; BRAGA, 2016, p.142).

Para realizar a observação será necessário ir a campo, mas antes de ir é preciso ter alguém para te apresentar e convencer aos restantes da sua importância para aquele determinado grupo. Whyte (1975) em seus escritos diz que a primeira coisa a se fazer é ser “iniciado”, como você vai iniciar dentro do grupo, portanto é fundamental ter um intermediário para realizar sua observação. O pesquisador iniciante precisa dominar as técnicas, ter o distanciamento e aplicar algumas teorias no campo, em muitas das vezes se equivocam, havendo uma grande dificuldade.

Ao ter meu primeiro contato com o bairro Antônio Justa, só foi possível, pois eu fazia curso de violão no teatro e é a partir disso que surgem indagações sobre o local, se não fosse por isso, talvez hoje não fosse uma pauta de minha pesquisa. Para essa iniciação acontecer, precisei de um intermediário que fizesse essa ligação com as pessoas, com o local e assim eu

pudesse fazer minhas observações, anotações, e principalmente o mais difícil, saber me distanciar do meu objeto de pesquisa.

A dificuldade para escrever de um local que você acha que conhece, mas que no final mostra que, ao aprofundar o seu conhecimento sobre as percepções do dia a dia daquela comunidade, percebe que você não compartilha das mesmas dores. Essas dores acabam passando despercebidas até porque “o que não é visto não é lembrado”⁶.

Experimentar, reviver, mesmo que não seja de forma direta, traz consigo sensações que não podem ser descritas. Tentando a todo o momento me policiar para que esses sentimentos não fossem externalizados e ficassem perceptíveis, pois de alguma forma, poderia atrapalhar a nossa interação. Dessa forma, Siqueira (1991) traz isso em seu diário de campo, as seguintes considerações,

Por definição, esse gênero de empatia supõe, por tanto, a distância: é justamente porque não se está no lugar do outro que se tenta representar ou imaginar o que seria estar lá, e quais ‘sensações, percepções e pensamentos’ ter-se-ia então (...) quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los. (SIQUEIRA, 1991. p.159).

Diante disso, o fato de se distanciar de um local familiar faz com que sejamos afetados pelo próprio, pois há momentos em que você se perde, não sabendo ao certo se é pesquisadora ou amiga da sua interlocutora. E quando se deixa ser afetada inicia um diálogo específico que quando você for escrever, precisará ponderar.

7.1 Delimitação do universo e amostra

A pesquisa é realizada em dois momentos: o primeiro refere-se a duas moradoras que estiveram presentes no período de isolamento que era praticado para conter a proliferação da hanseníase: Dona Silva hoje está com 78 anos e permaneceu de 1969 até 1973 e dona Vanir que hoje está com 85 anos e desde que entrou na Colônia com 10 anos nunca mais saiu. Dona

⁶ Frase que expressa a importância de estar presente na vida das pessoas, seja no âmbito pessoal ou profissional. A frase também sugere que quem se ausenta ou não se destaca perde a atenção e o reconhecimento dos demais sujeitos. A frase é bastante usada no marketing para enfatizar a necessidade de divulgar o produto ou a marca para o público.

Silva é uma amiga bem próxima da minha mãe. O meu primeiro contato para realizar pesquisa foi por meio dela, mas nunca tive a oportunidade de saber como tinha sido a vivência da mesma quando descobriu que tinha hanseníase.

Para falar a verdade, não sabia como iniciar essas questões sem parecer invasiva. No dia 13 de outubro de 2022, era uma quinta-feira por volta das 9h da manhã, fui a sua casa, como de costume e fiquei sentada no sofá com o meu notebook. Dona Silva é uma senhora muito receptiva, tomamos café e ficamos conversando assuntos aleatórios. Sua casa estava bem movimentada quando perguntei se poderia fazer algumas perguntinhas. A princípio respondeu que sim, confesso que tive algumas dificuldades para iniciar a nossa conversa, pois não sabia ao certo como introduzir o assunto do seu isolamento.

Mas iniciei perguntando quanto tempo à mesma tinha passado na Colônia Antônio Justa. Como a casa estava movimentada, notei que ela ficou apreensiva ao responder e só começou a se sentir confortável em se abrir e comentar sobre a memória do seu isolamento quando estamos apenas nós duas na casa, isso era por volta de meio-dia. Percebi que quando baixei a tela do notebook, parei de me comportar como pesquisadora e passei a ser sua ouvinte, confidente. Dona Silva retrucou quando olhou para a tela do notebook que estava baixa dizendo: você não vai escrever?

Nesse momento aconteceu a virada de chave, pois percebi que as respostas estavam maquiadas. E a respondi: Não preciso escrever, nesse momento, estou te ouvindo e isso é a única coisa que importa. E foi dessa forma que a nossa conversa começou a fluir e eu fiquei paralisada com o misto de emoções que tentava transparecer na minha feição em relação à lembrança de suas memórias. A dona Silva propôs que fossemos visitar sua amiga que ela poderia me contar detalhes de quando não estava isolada, pois foi dona Vanir, que ajudou a compreender que a partir daquele momento que pusera seus pés na Colônia Antônio Justa, sua vida tinha mudado e precisaria aceitar e conviver com a doença até o último dia de sua vida.

A minha ida, isto é, todo o percurso realizado com Dona Silva à casa de sua amiga Dona Vanir, foi no dia 16 de outubro de 2022, era um domingo por volta das 10h da manhã e ela ainda morava no mesmo bairro: Colônia Antônio Justa, só que não na mesma casa. Sentamo-nos no alpendre de sua casa e Dona Silva fez toda a minha apresentação para ela. Nesse momento eu não tinha nenhum roteiro a ser seguido, nem perguntas a serem feitas, eu só queria estar presente nesse reencontro.

Tivemos assuntos de todos os jeitos e quem entrou nessa parte da memória de seus isolamentos foram as duas falando de como o local estava diferente, de como tinham

chegado, das festas e confusões que viveram nele. Nas amarguras de querer sair e ter uma vida “normal” e acreditar que era apenas um sonho ou quando estavam felizes de terem uma a outra e seus companheiros que a vida deu.

Esse foi um momento que quando cheguei a casa e refleti, pois estando junto com elas eu era tudo, menos a pesquisadora que tinha saído mais cedo para observar, anotar e refletir por cada palavra dada que as duas disseram. A felicidade de ter proporcionado um reencontro para as ambas, pois fazia bastante tempo que não se viam foi algo esplêndido, e que não tinha sido planejado, da qual se eu não tivesse virado a chave e baixado a tela do notebook seria um momento que eu não iria proporcionar para ambas.

No segundo momento da pesquisa tivemos como participantes os moradores dos bairros adjacentes do bairro Colônia Antônio Justa, mas que estão localizados dentro de Maracanaú. São nove pessoas, sendo quatro mulheres: Rejane com 50 anos, Ana com 74 anos, Verônica com 45 anos e Diana com 43 anos. E cinco homens: Junior com 24 anos, Chiquinho com 47 anos, Assis com 44 anos, Antônio com 37 anos e Alexandre com 26 anos. Esta parte da pesquisa foi realizada dentro do meu ambiente de trabalho em conjunto dos meus colegas de serviço por meio de pequenas conversações com meus colegas para o levantamento de dados do projeto de pesquisa.

Às 14 horas, de forma presencial do dia 21 de outubro de 2022. Era um sábado, quando iniciei uma conversa sobre o bairro Colônia Antônio Justa, para que eles pudessem se sentir confortável no diálogo, comecei a perguntar sobre o que eles achavam da Colônia de forma bem generalizada, abordando um por um na hora que estavam trabalhando, mas essa forma de abordagem não foi bem-sucedida e não obtive resposta. Falaram-me que não estavam entendendo o que eu queria dizer e que dessa forma não poderia responder, ninguém quis responder.

Sendo assim, fiquei bem frustrada, pois eu não sabia como ter essas respostas sobre o estigma. Essa pequena tentativa de abordar um por um em nosso ambiente de trabalho não foi legal e eles ficaram receosos de responder. Então eu lembrei que quando estamos em grupos as conversas ficam mais fáceis de acontecer, pois ali eles não têm medo errar e ficamos mais à vontade. Fiz uma segunda abordagem na hora do nosso intervalo, que seria às 16h.

Tempo que tiramos para descansar e introduzi assuntos aleatórios assunto novamente sobre a dificuldade de acesso que as pessoas da colônia têm para se locomover e isso foi uma maneira de se envolver no assunto e a falar das memórias do que aquele lugar já representou e de como estava hoje. A memória coletiva dos meus colegas de trabalho foi desbloqueada, até então nenhum recordavam ou não queriam falar mesmo. Sendo assim, Pollak (1992) diz que:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 02).

Vale salientar que a maioria das conversas, ou seja, entrevistas foram gravadas com o consentimento de todos. Com a dona Silva e Vanir as entrevistas foram feitas dentro das suas próprias casas, através dessas locomoções entre o bairro Antônio Justa e bairro Jereissati I, com os outros entrevistados foram feitas dentro do meu ambiente de trabalho que também é em Maracanaú. São necessárias essas pequenas entrevistas para poder se ter o projeto e dessa forma entender esse processo já que se têm poucas pesquisas sobre o local.

7.2 Técnicas

Posto isto, o método utilizado é a etnografia e as técnicas foram às entrevistas, a observação participante através de caderno de campo. Todos os colaboradores ficaram cientes que seus nomes não serão expostos, mas terá um nome fictício. Pretende-se, assim, analisar os dados através da entrevista semiaberta, como se dá a influência do estigma nesta área para diferentes públicos-alvo que de acordo com o autor:

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de histórias de vida etc. não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista. A realização de uma boa entrevista exige: a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introjetados — não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”) [...] (DUARTE, 2004, p.216).

A coleta de dados será uma entrevista com os moradores do bairro Colônia com alguns equipamentos que usaremos; gravadores, papel e caneta para anotações, na qual iremos analisar sem comprometer a veracidade da qual foi dito. De início delimitamos a faixa etária das entrevistas para os moradores mais antigos, mas foi percebido que como se trata da estigmatização do local então será com os jovens, adultos e idosos.

Para o antropólogo “entrar em campo”, ocorre um processo de negociação entre o colaborador e o pesquisador, deixando claras suas intenções e ideias, tendo o consentimento para que o grupo permita que o antropólogo estude e analise os seus sistemas, criando confiança entre ambas as partes. Segundo os escritos de Magnani (2002) através da etnografia é possível mudar seus objetivos com o colaborador, por isso redefinindo, se preciso for, os objetivos da pesquisa e especificação.

E dessa forma a pesquisa será construída pelo método etnográfico por ser complexo, recolhendo dados tanto subjetivos quanto objetivos de modo quantitativo e qualitativo, tendo uma ligação direta com o colaborador, com técnicas privilegiadas tornando mais profunda na medida em que a investigação avança. A pesquisa também será analisada e interpretada através da construção social. Segundo Creswell (2014) no construtivismo social, os indivíduos buscam entender o mundo em que vivem e trabalham.

Eles desenvolvem significados subjetivos das suas experiências, significados direcionados para certos objetos ou coisas. Esses significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a procurar a complexidade de visões em vez de reduzir os significados a algumas categorias ou ideias. Ou seja, os pesquisadores se baseiam tanto na situação atual do participante como também histórico, no qual resulta uma interação social entre ele e a pessoa. Após a coleta dos dados, serão analisados os resultados.

Esses dados serão utilizados como base para proposição de ações para melhorar o cuidado com o bairro Antônio Justa de Maracanaú. Para os residentes do município, há linhas de ônibus saindo de todos os bairros que se conectam entre si, principalmente com o bairro em específico. O comércio da localidade é variado, há uma presença de estabelecimentos, tais como: mercados, borracharias, salões de beleza, entre outros. Conseqüentemente, este material será disponibilizado para coordenação do curso, na biblioteca da universidade, para que todos os estudantes, professores e demais profissionais possam usufruir.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados preliminares alcançados mostram que o estigma é usado como uma forma de controle social e como ele pode ser usado para manter a ordem social. Isso é exemplificado pela criação de colônias para pessoas com hanseníase, onde o estigma da doença levou à exclusão e à segregação dessas pessoas. Podendo ser visto de diferentes maneiras em diferentes sociedades e como ele pode ser usado para diferenciar grupos sociais.

Estes resultados preliminares dão pistas para dar continuidade à investigação, identificando a partir de outras entrevistas e etnografia, se a manutenção da ordem social (hipótese) é um efeito das falas que estigmatizam moradores do bairro.

Além disso, destaca-se como o estigma pode ser uma marca corporal que leva à criação de estereótipos sobre o corpo de uma pessoa e sua relação com a manutenção de ideias ao longo do tempo, particularmente enfocando como a memória desempenha um papel importante nesse processo. Mencionando também o papel da fofoca na construção do estigma na comunidade, sendo usadas para estigmatizar e/ou excluir aqueles que são considerados “outsiders” ou recém-chegados. Isso nos revela como as relações de poder e identidades são moldadas pela exclusão e estigmatização, dessa forma, afirmando a superioridade de determinados grupos sobre o outro.

Dessa forma, trazendo a hanseníase e a sua relação com a memória e as experiências de pessoas, é percebido também uma relação paradoxal em sua vivência no período do isolamento, pois tinha momentos que dona Silva e dona Vanir relataram que não queriam estar lá dentro, queriam mesmo era fazer parte da sociedade, estar junto de sua família de modo que olhassem para elas e não as vinculassem com a doença, como também a todo o momento romantizavam a fartura e a boniteza do local.

Pois, a memória permite reconhecer valores pessoais, culturais e coletivos, além de descrever a complexidade desses processos conscientes e inconscientes pelos quais o conhecimento é acumulado. A importância da memória na manutenção desses estigmas ao longo do tempo, tanto individual quanto coletiva, no contexto do desenvolvimento humano e da sociedade que envolve a lembrança de eventos históricos, culturais e sociais, enfatizando a necessidade do diálogo coletivo para discutir e interpretar essas memórias.

A mudança na identidade desse local pode influenciar a identidade e a história ao longo do tempo, passando de um lugar de isolamento compulsório para um bairro marcado por ocupações ilegais, resultando em uma nova forma de segregação e estigmatização, afetando a vida dos moradores. Quero trazer também a surpresa de como uma pesquisa sobre

um objeto próximo pode revelar universos desconhecidos para quem os vive no dia a dia e a importância do distanciamento proporcionado pela pesquisa, para observar e se aproximar de todas as experiências que as envolvem.

Assim como, a importância de ter um intermediário para realizar a observação no bairro Antônio Justa, localizado no município de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza-CE mesmo sendo próximo, pois, é desafiador se distanciar do local e manter a objetividade e o quanto o papel da formação em Humanidades e dos conhecimentos da antropologia foram cruciais para o desenvolvimento do mesmo.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José. **Aspectos do Serviço de Profilaxia da Lepra no Ceará.** Revista Ceará Médico, Fortaleza, Ano XXVII, Número 7 e 8, 04-24, julho-agosto, 1947.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação.** São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ARAÚJO, Milena Maria Gomes. **Descortinando histórias de vida do Centro de convivência Antônio Diogo, em Redenção, (CE): relatos de ex-pacientes portadores/as de hanseníase e de seus familiares.** / Milena Maria Gomes Araújo. Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Redenção, 2016.

CARLOS, Vera Lúcia Fernandes. **O estigma da Hanseníase e a política de confinamento.** / Vera Lúcia Fernandes Carlos. – Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Redenção, 2014.

CRESWELL, John. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Dirceu Silva. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNHA, Vívian da Silva. **O isolamento compulsório em questão: políticas de combate à lepra no Brasil (1920-1941).** 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

DALMAZ, Carla; ALEXANDRE NETTO, Carlos. **A memória.** Ciência e Cultura, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 30-31, Jan, 2004.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, n. 24, p. 213–225, jul. 2004.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1983.

GONDAR, J. **Além da contratransferência: os afetos do analista.** Cadernos de Psicanálise – CPRJ, 21, 2008.

GONTIJO, Sandro Rodrigues. **Imaginação e memória nos sermões de Antônio Vieira.** – Ribeirão Preto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 2006.

IPECE. **Produto Interno Bruto: PIB do Ceará nas Óticas da Produção e da Renda – 2019**. n. 07. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Fortaleza – CE: IPECE, 2021.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: Editora UFMG, 342 p., 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, p. 549, 1990.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17 (49), 11-29, 2002.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano**. Rio de Janeiro: Booklink/NECVU; 2007.

MONTEIRO, S; VILLELA, W. **Estigma e saúde [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 207 p. 2013.

MORHAN, **CADERNOS DO MORHAN**. Projeto Acervo. Nov./2010. (Biblioteca Virtual). Disponível em: www.morhan.org.br. Acesso em: 20 de julho de 2022.

OMOTE, Sadao. **Estigma no tempo da inclusão**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 10, n. 3, p. 287-308, 2004

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

REDAÇÃO. **Colônia Antônio Justa sofre abandono. Diário do Nordeste**, Fortaleza, 30, março de 2005. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/colonia-antonio-justa-sofre-abandono-1.341616>> Acesso em: 20 de julho de 2022.

SANTINELLO, J. **A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos**. Revista De Estudos Da Comunicação, 12 (28), 2011.

SILVA, G. M. **Os resíduos sólidos no contexto da rede hidrográfica do município de Maranguape-CE, uma análise integrada**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 164p, 2021.

SILVA, J. A. **O Bairro Antônio Justa Em Maracanaú -Ce E Sua Ressignificação Social: a produção do espaço urbano a partir da demanda do mercado**. Instituição De Ensino Superior Faculdades Cearenses. 2016

SIQUEIRA, Paula. **“Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada.** São Paulo: Cadernos de Campo, 1991.

SOUSA, E. L. de. **“Invasão” à Ilha do Medo: o processo de implantação do turismo e a reação dos autóctones.** Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 16, n. 16, p. 75-91, 2007.

TUZZO, S. A.; BRAGA C. F. **O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese.** Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, SP, v.4, n.5, p. 140-158, ago., 2016.

VIEIRA, Marcelo Luciano **Os rumos da cidadania das pessoas atingidas pela hanseníase: uma análise do papel do Morhan no contexto da Constituição de 1988.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

WHYTE, William Foote. **Treinando a observação participante.** In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, cap. 3, p. 77–86, 1990.

REFERÊNCIAS NÃO LIDAS

ALMEIDA, R. A. **Na varanda, o silêncio. Hanseníase, esquecimento e esgotamento narrativo na Colônia de Antônio Diogo.** Revista de Antropologia, [S. l.], v. 63, n. 1, p. 35 - 58, 2020. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2020.168624. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/168624>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ALMEIDA, R. A. **Dos museus e de suas armadilhas: considerações sobre a construção de um memorial da hanseníase no Ceará.** Anuário Antropológico, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 233–252, 2021. DOI: 10.4000/aa.7688. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/35989>. Acesso em: 23 nov. 2023.

OLIVEIRA, Alícia Maria Da Silva. **Hanseníase: A história pelo olhar de quem viveu no antigo hospitalcolônia de Antonio Diogo-CE (1928–1988).** 2018 disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/xmlui/handle/123456789/2931>. Acesso em: 23 nov. 2023.